



A morte silenciosa do Centro de Goiânia

Falta de segurança e a não revitalização contribuem para o esvaziamento diário do Setor Central da capital e para a morte da cultura e da história da região mais tradicional da cidade

Fotos: Danilo Bueno



Gisele Núbia Moraes, 32 anos, ao lado da filha Carolline, 10, mora no setor e destaca a facilidade proporcionada pela localização



Avenida Goiás é tida como uma das mais belas da capital, mas não oferece segurança para moradores durante a noite

MÁRIO BRAZ

O abandono em massa tem hora e dias marcados. O toque de recolher conserva-se sobre o nome de horário comercial. O Centro de Goiânia é usado de segunda-feira a sábado por aqueles que destinam à região apenas a expressão da prática profissional. Localização expoente da capital, habitada por famílias de alto poder aquisitivo, o Centro, hoje, é descrito sob a observação participante de Claudete Barroso Santana, moradora “há mais de 60 anos”: “O que eu vejo é um bairro ocupado por idosos e casais de idosos resguardados nos apartamentos”. Por isso, a mulher de 69 anos esclarece que não há investimentos no centro da cidade, uma vez que o público

habitante ali não possui, em sua maioria, uma vida social agitada.

O desinteresse pelo centro também cabe em outros relatos, e o problema das drogas, e dos moradores de rua, é citação amiúde na fala daqueles que tem, na região, moradia. Claudete continua o exame e afirma que o fluxo constante de passantes no Centro favorece a mendicância e a prática de pequenos roubos, ações expostas como necessárias à obtenção de dinheiro para manter a dependência nos entorpecentes. A comunidade de moradores de rua, da região central, porém, dá outro motivo para a presença do grupo. O espaço é abrigado pelos olhos da sociedade, e a atuação policial, vigiada, fica inibida de excessos contra as pessoas em

situação rua. Segundo eles, na periferia o tratamento policial é bem diferente.

A questão do uso de drogas é alinhavada por Isaura Bezerra Cavalcante, 61 anos, 19 deles vividos no centro. Costureira e modelista, Isaura completa a reclamação. No entanto, o ponto negativo é suprido por uma lista de elogios à região onde mora. Para ela, a localização é o principal fomentador de sua atividade profissional, observando a acessibilidade, a rede de linhas de transporte público e a habitualização aos serviços que o Centro oferece. Antiga moradora do Setor Urias Magalhães, região do Vale do Meia Ponte, Isaura aponta dificuldades que teve em exercer a costura no bairro, situação alterada após se mudar para a atual localiza-

ção. Nesses 19 anos ela já residiu nas Ruas 3 e 24, e há pouco se mudou para a Rua 60.

Mineira, Marlene Ferreira de Souza, a Dona Marlene, vive no setor Central há 11 anos e administra o bar Ponto 18, uma das opções para os que procuram lazer após o horário comercial. A revitalização do Colégio Estadual Lyceu de Goiânia, de acordo com ela, “melhorou muito o ambiente”, no entanto, o abandono que a região vive pós-18 horas tem crescido. A falta de cuidado e manutenção com o bairro tem estimulado a migração para outros setores da cidade. O bar é, conforme a explicação de D. Marlene, frequentado por um público cativo, de moradores da região, conhecidos da proprietária do estabelecimento, ou que tem apego pelo local.

“A gente está aqui de teimoso”



Domingos Pereira Silva, 57 anos, é dono de um bar na Rua 74 com a Rua 55 há 27 anos e diz que pretende fechar o estabelecimento

“A gente está aqui de teimoso” está no discurso de quem há 27 anos exerce no centro a atividade profissional. A expectativa de Domingos Pereira Silva, 57 anos, dono do Bar e Restaurante Cristalina, não é das melhores. O serviço de oferecer refeições caducou, apesar de manter no nome do estabelecimento a função de “restaurante”, localizado no cruzamento da Rua 55 com a 74. Domingos pretende encerrar as atividades devido ao movimento fragilizado ano a ano. Um dos motivos apontados pelo homem é o Estádio Olímpico Pedro Ludovico desati-

vado e, posteriormente, demolido sob a proposta de reconstrução de um centro de referência em esportes, que não tem ainda fundação das bases.

As facilidades apresentadas por aqueles que fazem uso da região são descritas apenas nos horários comerciais. Fora deste período, as alternativas mais citadas são mesmo os bares. A estudante e técnica em enfermagem Gisele Núbia Moraes, de 32 anos, poucos mais de dois anos e seis meses deles na capital, é afirmativa quanto às facilidades diurnas, mas sofre para citar preferências de entretenimento e lazer que o Centro oferece.

Arquiteto defende mudança de uso

A violência converge das cinco falas, e a insegurança é apontada como repulsão da vida social no centro. Quem comprova uma das causas da desocupação diária é o arquiteto e urbanista John Silveira, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiânia.

A característica de cidade modernista, devido ao planejamento prévio à criação da capital, traz problemas posteriores, caso a formação urbanística da cidade não seja bem gerida. Segundo ele, a subutilização das áreas, e o zoneamento (que confia a cada região uma função) causam a repulsão, que pode ser revertida. Perguntado sobre o projeto de revitalização da Praça Cívica, John acredita que a mudança estrutural proposta para a praça não é suficiente para reverter o esvaziamento do Centro de Goiânia.

Para ele, “é necessário modificar o uso da região, criar novas formas que não são apenas ligadas ao desenho”, assim, a proposta é promover um uso diferenciado por meio do destino do Centro a residências e a expressão cultural, que, no

entanto, devem surgir depois de um empenho político em reverter a insegurança vivida nos horários não comerciais pelo Setor Central. John pondera que a presença policial excessiva também contribui para o sentimento de insegurança. “As pessoas se sentem protegidas quando há gente por perto.”

A pavimentação também é outro ponto abordado pelo urbanista. Ele ressalta que é necessário promover acesso não só aos carros, mas aos pedestres e ciclistas – estes dois últimos grupos desfavorecidos pela dinâmica do trânsito, pelo risco e pela falta de estrutura.

O resgate da vida social é vivido por Claudete. “Aqui, as pessoas se conhecem, se cumprimentam, a relação com os outros é muito próxima, e eu não vejo isso nos outros setores”. Ilhados no centro, os moradores vão se extinguindo e transformando o bairro em um depósito de mão de obra, com característica pendular, destinada apenas ao trabalho, vez que a área que tem potencial de ser aproveitada pelo convívio humano, independente do dia ou da hora.